

**CONSTRUÇÃO DO SENTIDO
NO ESPAÇO URBANO DE CAMPO GRANDE:
O GÊNERO DISCURSIVO “PICHAÇÃO”**

José Bráulio da Silva Junior (UEMS)

josebrauliojunior@hotmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

Aline Saddi Chaves (UEMS)

chaves.aline@gmail.com

1. Introdução

Ouvimos com frequência a afirmação de que o pichador é um vândalo, um indivíduo que, supostamente, e sem nenhum propósito, depreda os espaços públicos e privados com dizeres incompreensíveis, gerando assim os mais diversos tipos de inconvenientes para a sociedade.

A título de exemplo, na reportagem do dia 2 (dois) de março de 2013, publicada no jornal digital *Campo Grande News*, o título “Vândalos não poupam nem a periferia com onda de pichações” dá mostras da visão pejorativa comumente associada às pichações no perímetro urbano de Campo Grande. É o que manifesta o seguinte trecho da reportagem em questão:

Muitas vezes imóveis que ainda estão em construção aparecem pichados ou até mesmo aqueles que estão prontos para vender. No geral, são escritas frases de protesto ou insulto, assinaturas pessoais com letras disformes, ou declarações de amor. (Reportagem de 02/03/13 – Campo Grande News – <<http://www.campograndenews.com.br/rascunho/nova-noticia-01-04-2013-19-05-26>>

Em outra reportagem, do mesmo jornal *on-line*, intitulada “Universitário e skatistas ‘sujam’ cidade por protesto político”, publicada em 25 (vinte e cinco) de março de 2013, são empregados termos como “crime” para se referir ao ato de pichar, vinculando, desse modo, o ato de pichar a um roubo ou assassinato. O termo “arte”, colocado entre aspas, confere a essa ação, ou àquele que a pratica, uma conotação de zombaria.

Como levantado até o presente momento, a forma mais adequada de escapar do senso comum é lançar sobre o objeto um olhar científico, em particular pelos fundamentos da análise do discurso francesa, cuja “teoria do discurso” se interessa pela imbricação dos fatos de língua com

os funcionamentos sócio-históricos e ideológicos que subjazem a toda manifestação de linguagem. Neste sentido, quando um pichador decide se expressar, fazendo uso de uma semiótica bastante particular (um código específico), ele está, na realidade, produzindo sentido(s), (re)agindo, de forma polêmica, é verdade, a *outros* sentidos já construídos, anteriores a ele, presentes na história.

Assim sendo, a proposta desse trabalho parece-nos, desde sua concepção inicial, algo que pode(ria) se mostrar inovador, na medida em que, como explicamos, há teorias que se interessam por objetos desse tipo, não tradicionais, embora carregados de significado e de sentidos ocultos. Com isso, pretendemos ultrapassar o lugar-comum que consiste em tratar a pichação como um simples ato de vandalismo, fundamentando-nos em teorias comprometidas com o problema do sentido na/pela linguagem, a exemplo da análise do discurso e da semiologia, a fim de explicar um fenômeno comum nas grandes cidades.

Para uma melhor compreensão dessa proposta, dividimos o texto em três partes distintas, porém complementares, a saber:

1. Da língua ao discurso, ou, da teoria dos signos de Saussure à problemática do discurso: mostrar os avanços da linguística discursiva, que tem por objeto a relação da língua-sistema com as condições de produção do discurso.
2. A construção do sentido no espaço urbano: neste tópico, buscaremos mostrar, com base na análise do discurso francesa, a relação dos dizeres das pichações com o contexto em que circulam, isto é, o espaço urbano da cidade de Campo Grande (MS), assim como sua importância social.
3. Um estudo semiológico: Pelo olhar da semiologia, propomos uma descrição dos mecanismos semióticos das pichações, especialmente o funcionamento de seu sistema gráfico.

2. *As teorias de Saussure aplicadas a pichação*

Ao buscar no livro elementar para a formação dos linguistas, *Curso de linguística geral*, de Ferdinand de Saussure, podemos fazer duas observações cruciais para iniciar o desenvolvimento desse texto:

1. Pichação é uma forma de linguagem, que expressa em si significado.

2. Ferdinand de Saussure, considerado o pai da linguística, não contempla em *Curso de Linguística Geral* a teorização satisfatória, ou ainda, suas teorias não abarcam uma explicação desse fenômeno.

Ao destacarmos alguns trechos dos escritos de Saussure teremos um maior respaldo para as afirmações, vejamos:

Saussure no capítulo IV, “Linguística da língua e linguística da fala” afirma que a língua é um fenômeno social e a linguagem é individual. No mesmo capítulo o autor também afirma que: a linguagem por ser individual não é homogênea.

O parágrafo acima justifica indubitavelmente a primeira alegação, já que a pichação é um fenômeno social urbano, no qual, cada indivíduo de maneira única em sua pichação tenta exprimir uma mensagem tanto para a sociedade quanto para seus pares.

Se também nos atentarmos os dizeres de Fiorin poderemos ratificar que a pichação expressa uma mensagem para a sociedade:

Quando o enunciador comunica alguma coisa, tem em vista agir no mundo. Ao exercer seu fazer informativo, produz um sentido com finalidade de influir sobre outros. Deseja que o enunciador creia no que ele diz, faça alguma coisa, mude de comportamento ou de opinião. (FIORIN, 2004, p. 74)

No capítulo V, “Elementos internos e elementos externos da língua”, Saussure define como linguística externa, o estudo da língua e as influências que a mesma sofre a partir de fatores como geográficos, políticos e sociais; e linguística interna o estudo da organização do sistema e suas regras. Dentro dessa definição, os estudos saussurianos fazem-se rastos ao depararem com a plataforma da pichação, já que, tal estrutura pode ou não ser influenciada por eventos políticos e sociais, sua grafia varia de um enunciado(r) para outro, sem obrigatoriedade com a norma-culta ou ainda, necessidade de exprimir seu significado abertamente para o grande público e com uma estrutura de significação indefinida. Dessa forma esse parágrafo justifica nossa segunda afirmação.

De acordo com Saussure no capítulo VI, “Representação da língua pela escrita”, referente à linguagem escrita ou documental, vemos que, a língua escrita é quase que estática, com mudanças vagarosas, devido ao seu caráter de refletir a língua oral, torna-se um (quase) um perfeito espelho de línguas mortas ou pouco faladas, como por exemplo, o latim. Observamos também que, no mesmo capítulo, a língua escrita é descrita como sendo regulamentada por determinados códigos.

Se debruçarmos tais teorias sobre a realidade em que a pichação está inserida e o ambiente que é normalmente visto, veremos que:

- Geralmente a pichação é feita em muros e paredes públicos e/ou privados, logo é muito comum à parede ou muro receber uma nova pintura, assim que a pichação é notada, a gráfica varia entre as pichações. Dessa forma a pichação de forma alguma é algo estático.
- No perímetro urbano de Campo Grande (MS) vemos que além de palavras, frases é comum o uso de siglas, tais siglas não exprimem nenhum tipo de significado para não pichadores.
- Como já denotado anteriormente, o sistema da pichação varia imensamente nos mais variados aspectos, de uma pichação para outra e de um pichador para outro, dessa forma é plausível afirmar que as pichações não respeitam nenhum tipo de código regulamentado.
- Já que, a pichação tem um número de variações tão abrangentes e nas mais variadas formas, os adjetivos “vagaroso (a)” ou estático(a) são incabíveis posteriores ao verbo “mudança”, quando se trata de qualquer aspecto de pichação.

3. A construção do sentido no espaço urbano

Para a constituição desse trecho, antes se faz necessário demonstrar qual será o método científico empregado para a realização da análise do discurso da pichação.

Orlandi afirma que a análise do discurso é feita por meio da observação dos processos e mecanismos de constituição de sentido. Por meio de etapas iremos passar do texto ao discurso.

“A análise se faz por etapas que correspondem à tomada em consideração de propriedades do discurso referidas a seu funcionamento, e vamos cotejar as etapas com os procedimentos que dão forma ao dispositivo”. (ORLANDI, 2009, p. 77)

A autora propõe três etapas para a constituição de uma análise que revele os “dizeres” e “não dizeres” de um discurso e sua enunciação, vejamos:

- I. Contato com o texto, procurar ver a discursividade, desfazer a ilusão de que o que foi dito só poderia ser dito daquela maneira.
- II. Observar a constituição da formação ideológica dos processos discursivos responsáveis pelos efeitos de sentidos no material.
- III. Interpretar a constituição da linguagem através dos códigos.

3.1. Os dizeres das pichações campo-grandenses

Um dos principais motivos da discussão a cerca da pichação, é a função social do muro. Muitos podem afirmar que a única função do muro é proteger ou delimitar espaços, por exemplo: proteger a casa dos ladrões, delimitar um determinado espaço do espaço do vizinho, ou ate mesmo ambas as funções, mostrar de que a partir de um determinado ponto aquele local deixa de ser publico e torna-se privado, dessa forma o muro tem um aspecto de dualidade, ou seja, pertence tanto ao proprietário privado quanto público, já que para ambas as partes tem a mesma função.

Quando observamos a função social do muro, também devemos fazer a discussão da relação casa e rua ou coletividade e individualidade. O muro ao mesmo tempo em que cerceia fisicamente também o faz socialmente.

Assim é necessário levantar a seguinte questão: Quando se faz uma pichação, quem é mais lesado, o proprietário do muro ou a sociedade?

É comumente dito que grifas as paredes é algo que só ocorreu com os homens das cavernas, durante a era mesozoica e nos dias atuais, mas isso é um pensamento equivocado. Na Grécia antiga, a pichação era uma forma de comunicação largamente utilizada. As paredes além de delimitar o espaço privado e publico serviam para comunicar as massas informações, por exemplo: campanhas eleitorais ou luta de gladiadores, vejamos:

As paredes da parte nobre da cidade (Fórum) funcionavam como jornais murais para informar a comunidade. Estavam cobertas de grafitos com temas diversos: slogans eleitorais, comerciais e anúncios dos próximos eventos no anfiteatro. (RODRIGUES, p. 01)

Esse tipo de marcação no muro é até hoje uma das principais fontes de conhecimento histórico sobre período, além de base para o estudo do latim e de toda uma sociedade extremamente influente nos mais variados aspectos para a atualidade.

Podemos notar semelhanças entre a pichação de Pompeia e a pichação em Campo Grande (MS), observemos:

Paralelamente a estas informações convencionais, outros autores, anônimos ou não, rabiscavam suas mensagens com finalidades diversas: deixar constância de sua presença no lugar, expor suas ideias, fazer críticas a alguém, fazer denúncias, comentários jocosos geralmente de natureza sexual, etc. São estes escritos, já na época conhecidos como *graffiti*, os que despertam mais curiosidade nos estudiosos porque, de certa forma, retratam melhor a realidade, mascarada pela linguagem e hábitos da sociedade convencional (RODRIGUES, p. 06)

Assim sendo, podemos afirmar que a pichação é uma forma de conhecer uma sociedade nos mais diversos aspectos, assim como é observado no caso da sociedade de Pompeia.



A pichação acima, que é vista em inúmeros pontos da cidade com os dizeres “*Bernal agiota*”, seguida da assinatura de seu autor, faz referência ao prefeito de Campo Grande (MS), que foi acusado de lavagem de dinheiro antes de assumir seu mandato.

Não é incomum vermos no perímetro urbano de Campo Grande pichações que dialoguem com a mídia e com ocorrências políticas e sociais.

Logo, pichações como estas assumem um caráter denunciativo, fazem dos muros um espaço de opinião pública e ideológico.

Observemos os dizeres de Bakhtin sobre a relação ideologia, imagem e signo:

Toda imagem artístico-simbólica ocasionada por um objeto físico particular já é um produto ideológico. Converte-se, assim, em signo o objeto físico, o qual, sem deixar de fazer parte da realidade material, passa a refletir e a retratar, numa certa medida, uma outra realidade. (BAKHTIN, 2004, p. 31)

Nesses dizeres podemos modestamente simplificar a pichação em uma ponte que liga a realidade social do pichador com o restante da sociedade e seus iguais.

Não raro as tentativas de se comunicar com a sociedade, por meio de frases curtas, impactantes e com uma grafia mais compreensível ao grande público são vista. Essas tentativas, como se pode observar ao lado, variam de frases a palavras, geralmente (sempre) acompanhadas da assinatura de seu autor.



É possível observar nesse fenômeno o uso de siglas, geralmente de três ou quatro letras, que ate o presente momento não podemos constatar o que significam, sua importância ou seu objetivo.



Também é possível ver ao lado das pichações números, muitas vezes o número treze (13) que é atribuído a gangues de membros latinos nos Estados Unidos ou o número quatrocentos e vinte (420) que por sua vez é atribuído aos usuários de maconha.

As pichações observadas ate o momento lesam mais ao proprietário privado do que a sociedade em geral, já que foram feitas em lojas e

casas, mas com os seus dizeres não ferem a integridade pública de uma forma tão prejudicial do que assassinatos e roubos. Assim sendo, comparar pichação com outros crimes mais graves, é demasiadamente um exagero por parte dos meios de comunicação e tal exagero fere mais ao coletivo de pichadores do que um grupo de pichadores a alguns indivíduos.

A pichação definitivamente interfere diretamente na coletividade e também no individual, e o coletivo e individual interfere na pichação.

Se nos voltarmos aos dizeres de Bakhtin veremos que o signo pode se transformar em um signo ideológico, por exemplo, a foice e o martelo, o mesmo ocorre com a pichação, essas letras deformes como são descritas pelos meios de comunicação tornaram-se em Campo Grande (MS), assim como em todo o país, símbolo de uma cultura periférica e marginalizada, sinônimo de crime.

Esse fenômeno de transformação ideológica do signo demonstrada pelo autor ocorre dentro do fenômeno da pichação, uma extra textualidade, ou seja, para compreender totalmente os dizeres das pichações, além de um olho treinado é preciso ter conhecimento de algumas informações externas à pichação, como no exemplo já revelado, o que significam os números treze (13) e quatrocentos e vinte (420).

3.2. As teorias de Bakhtin aplicadas a pichação

Para justificarmos a construção de sentido das pichações em Campo Grande (MS) e melhor defendermos que nosso objeto é uma linguagem, iremos aplicar os estudos de Bakhtin acerca da ideologia da linguagem. Tal estudo se encontra em Bakhtin, no capítulo 1, “Estudo das ideologias e filosofia da linguagem”.

- A linguagem é um produto ideológico, faz parte da realidade social e natural;
- Cada signo ideológico é fragmento da realidade e tem uma encarnação material
- O signo faz parte da realidade e reflete outra
- Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica.

Os pontos destacados edificam que a pichação e seus signos são uma linguagem, já que:

1. A pichação é um produto ideológico, pois tem caráter representativo de um determinado grupo social e faz parte da realidade não apenas de Campo Grande (MS), mas também das grandes cidades do Brasil.
2. A pichação com seus dizeres pode representar a realidade social do pichador. Tem sua encarnação, mesmo que de pouca durabilidade, na forma escrita, assim como qualquer texto.
3. A pichação constantemente julgada pelas mais inúmeras formas e critérios, seja, jornais, cidadãos e representantes da lei, por sua grafia, seus conteúdos e sua forma de expressão.

Observemos agora o que o autor diz sobre a consciência coletiva e individual e significado:

Cadeia ideológica estende-se de consciência individual em consciência individual, ligando umas as outras. Os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra. E a própria consciência individual esta repleta de signos. A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, consequentemente, somente no processo de interação social. (BAKHTIN, 2004, p. 34)

Os caracteres e influencias extratextuais vistos nas pichações só se fazem compreensíveis quando encontram significados na mente individual e dessa forma, de individuo a individuo, na mente coletiva, assim como qualquer outro tipo de linguagem.

Se observarmos caracteres de uma língua, na qual não conhecemos, por exemplo, o japonês, essa língua nos parecerá disforme e incompreensível, já que esses caracteres não encontram significados na mente individual/coletiva.

Bakhtin ainda ressalta: “O material social particular de signos criados pelo homem. Sua especificidade reside, precisamente, no fato de que ele se situa entre indivíduos organizados, sendo o meio de sua comunicação”. (BAKHTIN, 2004, p. 35)

Para encerrar esse trecho, devemos dizer que, os dizeres das pichações só se farão entendíveis ao grande publico (não pichadores) quando o enunciador, assim o desejar, o enunciado que a pichação carrega quase que sempre se faz hermético e para sua completa compreensão é indispensável que os signos encontrem significado na consciência individual/coletiva. Bakhtin afirma: “Nenhum signo cultural, quando compre-

endido e dotado de um sentido, permanece isolado”. (BAKHTIN, 2004, p. 38)

4. A pichação como forma de contra poder

Podemos denotar até esse ponto, que a pichação em Campo Grande (MS) tem sido uma forma de linguagem em que em seu enunciado traz a expressão de um grupo marginalizado, as impressões sobre a vida social de um determinado grupo e uma construção de significância que em si é completa e complexa nas mais diversas formas.

A pichação por ter um caráter suburbano representa em si uma forma de contra poder, já que tal fenômeno como já denotado não está preso aos cânones acadêmicos, tem em si um objetivo denunciativo e um funcionamento autônomo.

A relação social que a pichação está inserida já justifica o termo “contra poder”, a lei determina uma ação (a de não se pichar) o pichador para expressar-se desacata tal determinação, a sociedade, por sua vez, vale-se da mídia para exigir o que a lei seja cumprida, porém uma das poucas vezes utilizada por grupos marginalizados como forma de expressão e ponte de relação com a mesma sociedade que o reprime é a pichação.

Se nos debruçarmos novamente sobre os escritos de Bakhtin, veremos que: “A criação linguística é uma criação significativa, análoga à criação criativa”. (BAKHTIN, 2004, p. 72)

Observações já feitas anteriormente ratificam a citação acima, e reafirmam pichação como forma de contra-poder, vejamos:

1. O fenômeno linguístico da pichação é feito rapidamente, já que o seu autor, após o ato tem que fugir, assim sendo, as frases devem ser curtas, criativas e impactantes.
2. As frases feitas em pichações, quando visadas ao grande público, em geral, fazem uma séria denúncia social/política.
3. À pichação é análoga já que representa na transfiguração da linguagem em si.

Ao nos debruçarmos sobre Foucault veremos que o discurso é controlado, e sua forma também é controlada, assim como seu enunciatário e enunciadore, ou seja, ninguém diz o que quer como quer.

O autor exemplifica seu ponto de vista, da qual compartilhamos, com o exemplo da fala de um louco da idade média: “Desde a idade média, o louco é aquele cujo o discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância”. (FOUCAULT, 2009, p. 10)

A segregação do discurso ainda existe na sociedade contemporânea, e o discurso que tem em seu enunciado algo que vá de encontro com as ideias contemporâneas, sejam políticas ou religiosos é considerada a “palavra de um louco” ignorável e irrelevante.

O autor ainda vai mais longe ao afirmar que, o enunciado que é considerado verdadeiro e único, tem sua importância no seu enunciador e não em seu conteúdo, geralmente, na sociedade tais enunciatórias são figuras de poder, políticos e clérigos.

Dessa forma, pela pichação ter seu enunciador pessoas que não são figuras de poder, que são em suma, marginais aos olhos da sociedade, que denunciam uma cultura que não os representam ou os aceitamos mais inúmeros aspectos, podemos afirmar indubitavelmente que a pichação é uma forma de contra poder que visa (aparentemente) uma reformulação social, tenta dar voz a um grupo expurgado da sociedade e denuncia as inúmeras mazelas sociais que são vivenciadas diariamente.

Por fim, é uma forma de contra poder porque não é apoiada de forma institucional, assim nosso objeto para se fazer ser vista recorre a clandestinidade, vejamos os dizeres de Foucault sobre a institucionalização do sistema de exclusão: “Os outros sistemas de exclusão, apoia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reduzida por todo um compacto conjunto de práticas”. (FOUCAULT, 2009, p. 16)

5. Conclusão

O presente trabalho tem em si um caráter inicial de pesquisa, porém a partir dos autores utilizados conseguimos comprovar as premissas iniciais.

O estudo dos enunciados das pichações trouxe átonas ainda mais questões acerca dessa temática, o que comprova ainda mais que, pichação vai muito além de um simples vandalismo.

Ainda há muito que se observar e constatar acerca dessa temática, porém já podemos denotar que os estudos linguísticos evoluíram depois

de Saussure, e nosso objeto é prova disso, podemos denotar que pichação é um fenômeno discursivo de contra poder, assim como outras inúmeras práticas marginalizadas na sociedade contemporânea.

Abordamos rasamente o aspecto semiológico do objeto, já que ainda há muito o que se pesquisar sobre, mas o pouco que foi abordado desmitifica a frase comumente vista: “grafias ilegíveis e incompreensíveis”. Abordar com mais profundidade o olhar semiológico se faz indispensável para uma melhor compreensão do fenômeno.

A construção do sentido do nosso objeto, em nada deve ser considerada “fala de louco” ou de bandido, pelo contrário deve ser abundantemente discutida com um caráter acadêmico, para darmos voz a grupos desprezados pela sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2004.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural do Collège de France pronunciada em dois de dezembro de 1970. 19. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

OLIVEIRA, Viviane; VERÃO, Helton. Vândalos não poupam nem a periferia com onda de pichações. *Campo Grande News*, 02-03-2013. Disponível em:

<<http://www.campograndenews.com.br/rascunho/nova-noticia-01-04-2013-19-05-26>>.

ORLANDI, Eni P. *Análise do discurso*: princípios e procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

RODRIGUES, Alfredo Maceira. Dos grafiteiros de Pompeia aos pichadores atuais. *Revista Philologus*, ano 10, n. 29. Disponível em:

<[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/10\(29\)06.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/10(29)06.htm)> e em: <http://www.kke.org.br/media/palestras/dos_grafiteiros_de_pompeia_a_os_pichadores_atuais.pdf>.